
Diga-me Com Quem Tu Sambas e Direi Quem Tu És: a Potência de Transformação Crítica que as Escolas de Samba Inspiram nos Subúrbios e Suburbanos Cariocas¹

Bruno Mota RIBEIRO²

Gustavo da Silva Vicente DOS SANTOS³

Tainá ANDRADE DA SILVA⁴

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

O presente estudo explora as relações construídas entre os torcedores de Escolas de Samba com seus posicionamentos sócio-políticos e seu senso crítico, a partir das afetividades e percepções dos sambas de enredos. Diante de movimentos, como aumento de pesquisas no site do Google de acordo com desfiles de Carnaval, foi percebida uma politização das temáticas apresentadas pelos pavilhões e uma influência no posicionamento dos torcedores. Partindo da análise de afetos e identidades, busca-se compreender como o pertencimento, ou até uma mera curiosidade, podem influenciar posicionamentos sociais, bem como a contribuição dos sambas enredos para tal.

PALAVRAS-CHAVE: Afetos do subúrbio; Escolas de samba; Politização suburbana; Samba enredo; Transformação social.

INTRODUÇÃO

Entendendo-se como o samba e as Escolas de Samba começaram a existir por questões políticas, também posteriormente sendo usados por atores políticos e, ainda que existam contradições e controvérsias na criação destas artes, elas permaneçam produzindo pensamentos e estimulando visões libertadoras, propõe-se tal estudo. Conforme Nelson da Nóbrega Fernandes debate em “*O Rapto Ideológico da Categoria Subúrbio*” (2011), os espaços postos enquanto subalternizados no Rio de Janeiro ganham outro nome para serem deslocados da “Cidade Maravilhosa” e a maioria das narrativas sobre estas localidades tem viés negativo. Aqui, portanto, busca-se ir além do óbvio sobre quem é carioca, mas insistentemente é afastado das imagens oficiais; este trabalho existe porque os subúrbios resistem e a magia carnavalesca suburbana é uma das força-motrices para que eles sigam em festa, alegria e mobilização por melhorias.

Nos últimos anos, a Sapucaí viu desfiles levantarem debates nas redes sociais a partir de suas temáticas, dos assuntos tratados e da forma como se apresentaram. A

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ, e-mail: ribeiro.brunomota@gmail.com

³ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ, e-mail: gustaviciente97@gmail.com

⁴ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ, e-mail: andradetaina777@gmail.com

exemplo disso, temos os desfiles da Acadêmicos do Grande Rio em 2022 trazendo o Orixá Exu, Estação Primeira de Mangueira em 2019 recontando a história do Brasil e Paraíso do Tuiuti em 2018, em que a Escola reacendeu o debate sócio-racial. Partindo desse ponto, o presente artigo trará luz ao debate da influência dos desfiles, não apenas nas pesquisas e discussões do público, mas também das mudanças no dia a dia das pessoas. Tal análise irá partir de uma pesquisa qualitativa, na qual a observação participante somada a entrevistas semiestruturadas com torcedores, além da revisão bibliográfica, permitirão a compreensão dos fatores que levam esses atores a performar de maneira influenciada pelo afeto das agremiações.

Com embasamento histórico, influenciado pela Virada Afetiva, a proposição é justificada pela co-criação entre os autores e o fenômeno em questão, visto como se percebem os desfiles, os sambas e as agremiações enquanto meios de comunicação que, dentre tantas dimensões, ainda modificaram quem escreve este texto. Socialmente, há valor em focar na produção e na recepção dos subúrbios, geralmente marginalizados, à luz de autores que respeitam a identidade e as raízes que produzem percepções e ações. No mais, sabendo quanto a música e os desfiles, transmitidos por emissoras de televisão, rendem lucros para o campo comunicacional; tanto na pesquisa, e pelo lado do mercado, a averiguação se mostra promissora para quem trabalha com o samba ou pode usar do samba nas próprias produções.

A POLÍTICA SEMPRE ESTEVE AQUI

O carnaval das Escolas de Samba nasce político por sua natureza e origem. Muito além de quem o fez, é parte fundamental de sua compreensão, seu contexto de surgimento, bem como, os movimentos políticos que vivia o Brasil naquele período. Deve-se analisar, especialmente, o cenário da cidade do Rio de Janeiro, que além de berço do samba, era a capital do país à época. Com o fim da escravidão no Brasil em 1888, o ciclo migratório para a região central da capital aumentou. Além de principal região comercial, o centro do Rio abrigava o porto, que muito recebia europeus e seus itens, mas também muito exportava matéria-prima, principalmente o café.

É nesse contexto que surgem os primeiros cordões no carnaval carioca, mas também os grandes cortiços da cidade, dentre eles, o marcante “Cabeça de Porco”. Nestes casarões, cômodos eram usados como residências e famílias inteiras moravam juntas dividindo a cozinha e o banheiro. Esses cortiços logo se tornaram um problema

sanitário, devido ao medo de virarem epicentros de moléstias, pois, como conta Gonçalves (2013), o discurso higienista ganhava força após a Proclamação da República. Junto do projeto de expansão e modernização da região central da capital, o argumento anteriormente citado, aliado a discursos de segurança pública, culminaram nas obras do “Bota Abaixo”, transformando a paisagem urbana e social do Rio.

As obras da região central, obrigaram famílias diversas a se mudarem, levando consigo apenas seus poucos pertences e algumas madeiras, com as quais se abrigaram nas encostas dos morros, dando início às favelas da cidade. Já outras pessoas, que contavam com uma situação financeira um pouco melhor, seguiram as linhas do trem para os bairros do subúrbio que estava surgindo e/ou crescendo, como conta Ferreira (2000). Em paralelo a essas obras, o samba, que aos poucos foi ganhando forma nos quintais das “tias”⁵ da região da Praça XI e Pequena África, ia se adaptando e crescendo.

No bairro do Estácio de Sá, o Morro do São Carlos contava com Ismael Silva e sua turma cantando samba pela noite; no Morro da Mangueira, o batuque contava com Cartola; e, em Oswaldo Cruz, o samba tomava forma com Paulo da Portela. Neto (2017) e Cabral (1996), explicam que foi nesse período que essas três rodas de samba ganharam força e fama até virarem blocos que desciam em direção à Praça XI para brincar carnaval. A brincadeira ganhou traços de seriedade no ano de 1929, com o primeiro concurso de samba que viria a ser o pontapé do Carnaval das Escolas de Samba.

Porém, mesmo antes de seu crescimento, e até surgimento, as Escolas, bem como os sambistas, já viam o peso de fatores políticos para existir. Dois famosos exemplos são citados pelo autor Lira Neto (2017). O primeiro está diretamente ligado ao surgimento da Escola de Samba Portela, que no seu começo enquanto bloco usava o alvará de outro bloco da região que havia sido conquistado devido à boa relação da Dona Ester com figuras importantes da época⁶. O segundo é quando o João da Baiana foi abordado por policiais devido a lei da vadiagem e teve seu pandeiro apreendido. O episódio rendeu a João uma assinatura do Senador Pinheiro Machado⁷ junto a uma

⁵ Tias ou Tias Baianas eram senhoras vindas da Bahia e que acolhiam as pessoas em suas casas e terreiros religiosos. Essas residências eram comumente usadas também para festividades.

⁶ Essa boa relação com políticos se dava pelas suas festas que contavam com a presença de ilustres sambistas, incluindo os compositores que vinham do Estácio.

⁷ O Senador José Gomes Pinheiro Machado além de político influente pelo Partido Republicano Conservador, era grande fã do samba que começava a surgir na capital federal.

dedicatória em seu pandeiro, transformando seu instrumento em um passe livre para não ser mais detido.

Criada pouco depois da abolição da escravidão no Brasil, a lei da vadiagem, muito usada para prender capoeiristas e sambistas no início do Século XX, previa penas de 15 a 90 dias para quem fosse considerado pelas forças policiais uma pessoa voltada ao ócio e/ou que comprovadamente não tivesse renda para se manter ou vivesse de ocupações ilícitas. Ou seja, qualquer pessoa que não comprovasse emprego se enquadrava como vadio, entretanto a perseguição com o samba resultava no fato de que ter em seu porte um instrumento de percussão já era interpretado como indício de vagabundagem, como pontua Neto (2021).

Em 1932, o Rio de Janeiro assistia seu primeiro desfile dessas recém criadas Escolas de Samba, ainda que sem o grande destaque midiático que ganharia nas décadas seguintes. Seus sambas e músicas já conquistavam as pessoas, sendo entoados pelo povo após as festividades. Anos depois, os destaques nos jornais cresceram, junto com o número de pessoas indo assistir, o que foi só aumentando durante os anos 1940 e 1950. Porém, antes mesmo da passagem para 1940, o carnaval já se via politizado com os subsídios vindos do Governo, e das regras de apenas contar histórias nacionais. Essa regra se estendeu por anos, levando o carnaval a ter enredos como o da Portela de 1945 que exaltava o serviço em prol do Brasil no período de guerra. Intitulado “*Carnaval de Guerra*”, o samba cantava: “Seguiremos pra fronteira pra defender a vida inteira, nossa querida bandeira” (Portela, 1945).

Aliás, como apontado por Guaral (2012), logo no principio do sucesso dos desfiles, Getúlio Vargas, junto com o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), compreendeu a relevância da festa e passou a usá-la como ferramenta popular de adesão a sua política nacionalista. Devido às costuras e recortes que as Agremiações apresentavam junto às camadas mais pobres, o governo prontamente percebeu o potencial de diálogo dos desfiles. Esse movimento ganhou ainda mais força e destaque com o surgimento dos sambas-enredo e o “boom” carnavalesco na década de 1940. O samba se tornou político enquanto forma de resistência contra a repressão e politizado enquanto instrumento do Governo de Getúlio Vargas.

Por consequência, as agremiações e seus sambas de enredo, passaram a abrir mão do foco nas melodias românticas e boêmias dos anos 1920 e 1930, dando espaço para histórias, heróis e contos nacionalistas entre 1940 e 1960. Porém, não podemos

esquecer as dualidades políticas da “Era Vargas” para com o samba e os sambistas. Da mesma forma que o carnaval recebia incentivo financeiro e era valorizado enquanto símbolo nacional, tendo inclusive tido momentos que sambistas fizeram excursões para representar a cultura nacional, como citado por Cabral (1996), nas ruas ainda era comum a repreensão policial para cima dos “malandros”.

ONDE O PÚBLICO SE VÊ NAS POLÍTICAS

O crescimento do carnaval das Escolas de Samba marcou, também, a expansão dos festejos outrora periféricos e remodelou os afetos e identidades daquelas comunidades que fomentavam as agremiações. Então, nas décadas subsequentes, os pertencimentos deixaram de ser relacionados com morar perto da Escola, o que dialogava com o conceito “Comunidade de Bairro” da pesquisadora Raquel Paiva (2003), e se transformaram no amor por determinado pavilhão. Isso se comprova ao conversar com um torcedor de Escola de Samba e comumente receber como resposta o “eu sou” em vez de “eu torço para”. Esse pertencimento e identitarismo afetivo, auxilia a tirar do desfile, saberes, conhecimentos e até mesmo ideais, levando-os para o “mundo real” dos espectadores. Inclusive, de acordo com Lucas de Almeida⁸, “Se a escola de samba não ressoa no corpo de uma pessoa, ela olha para aquilo ali [desfile] e não se conscientiza sobre o que está passando, ela está no lugar errado” (Almeida, 2024).

Tendo autores da Virada Afetiva como base para analisar os amantes das Escolas de Samba, trabalha-se a temática das emoções. Observando, portanto, os corpos e signos, as individualidades e coletividades, as interações e auto reflexões que criam efeitos nos corpos e nos mundos, gerando ações, reações e alterando o curso dos fatos (Ahmed, 2004). Trata-se de uma produção de “conjuntos dinâmicos e heterogêneos, compostos por vários elementos técnicos, sociais, estéticos, econômicos e políticos que se fundem e se reagrupam em formações mutáveis, mas relativamente estáveis, distribuídas por toda a sociedade” (Regis, 2023).

Assim sendo, as economias afetivas alinham os indivíduos por meio da profundidade dos apegos e das emoções, conforme estas “mediam a relação entre psíquico e social e individual e coletivo” (Ahmed, 2004, p. 119). Mas, diferente de emoção, o afeto circula e se dilui na sociedade, não sendo posto em palavras, porém

⁸ Integrante da Comissão de Frente da Renascer de Jacarepaguá e torcedor da Beija-Flor, que cedeu entrevista para o trabalho em 12/07/2024.

impulsionando ações, pensamentos e crenças que alinham pessoas entre si e contra outras ainda que a racionalidade não consiga explicar o porquê. O afeto é cumulativo, não trata de uma emoção fixa, propondo que quanto maior a circulação de uma emoção, mais profundo o afeto se torna, ainda que haja alguma distância física.

No caso dos subúrbios, as Escolas de Samba, e os sambas de enredo em si, tão presentes no dia a dia e na história local, unem e inspiram torcedores. Afinal, as mídias direcionam afetos e os estados afetivos são aprendidos na troca com os outros, tal qual com as coisas. A “interatividade com os meios de comunicação produz uma intensificação ou reduplicação das relações interpessoais afetivas” (Regis, 2023, p. 38), aproximando até quem não pode ir ao samba, do mesmo. Sendo assim, os afetos que as Escolas de Samba constroem, transformam e conduzem pensamentos, ideais e atitudes daqueles que vivem do samba e tem o samba e os desfiles como parte não apenas do que gostam mas, até mesmo, de si. Quer dizer, as agremiações constroem afetos e, assim, alteram realidades, propondo caminhos a serem seguidos, principalmente para quem vive do samba e enxerga nele um meio para melhorar o cotidiano sofrido:

Por um lado, enfatiza-se o contributo que as atividades culturais podem dar para o desenvolvimento, a identidade e a coesão das comunidades, e em particular das comunidades mais desfavorecidas ou discriminadas. Por outro lado, e no âmbito de uma perspectiva que tem ganho maior expressão nos anos mais recentes, valoriza-se o papel que a participação em atividade cultural e artística pode desempenhar no reforço das competências e das capacidades individuais e, especialmente, na qualificação e nos processos de aprendizagem das pessoas que integram setores da população mais expostos a processos de exclusão ou isolamento social, cultural, cívico e económico (Ferreira, 2021, p. 48-49).

Após o samba se tornar uma economia afetiva através da qual as percepções, as escolhas e os ciclos sociais do torcedor de uma escola passam, por vezes, a ser determinados pelo que ela ensina e defende, a Escola de Samba vira parte da identidade do indivíduo. Se “A condição do homem (sic) exige que o indivíduo, embora exista e aja como um ser autônomo, faça isso somente porque ele pode primeiramente identificar a si mesmo como algo mais amplo” (Scruton apud Hall, 2006, p. 48), viver uma escola de samba e pensar “nela como se fosse parte de nossa natureza essencial” (Hall, 2006, p. 47) é próprio de como o afeto age na realidade suburbana. As

agregações e os valores delas, determinam como quem as vê como parte de si vai agir, acarretando em uma capacidade transformadora e politizante.

SOU PORQUE SAMBO, APRENDO E LUTO

Quando falamos do afeto dos torcedores das Escolas de Samba, tal sentimento ultrapassa os limites de suas comunidades e agregações ditas “do coração”. O cenário afetivo do carnaval se caracteriza pela presença de uma paixão considerada unificadora, onde o amor pela festa transcende qualquer rivalidade. Ou seja, apesar do apaixonado por carnaval dispor de uma escola para torcer, essa torcida não significa o desejo de derrota das agregações coirmãs. Pelo contrário, se reconhece que o sucesso de cada Escola contribui para a grandiosidade do evento, reforçando a coesão e a diversidade cultural do carnaval brasileiro.

Hall (2016) define o termo “Cultura” como um conjunto de “significados compartilhados” que permeiam todas as esferas da vida social, abrangendo sentimentos, emoções, senso de pertencimento, conceitos e ideias. Já Da Matta (1997) destaca que os desfiles de Escolas de Samba e suas respectivas transformações, são capazes de expressar todos os dilemas da sociedade brasileira, acompanhando o cenário socioeconômico do país. Propagandeados como “o maior espetáculo da Terra”, os desfiles se tornaram um dos principais produtos da indústria cultural brasileira. As formas de desfilar e de assistir a apresentação – seja da Sapucaí ou de casa – passaram por inúmeras alterações e ganharam novas prioridades.

Ao tratar de enredos e sambas-enredo, o cenário não é diferente. A tendência de comercialização de enredos em troca de patrocínio financeiro para as agregações, que passou a ser vista com frequência a partir da década de 1990, se tornou um costume negativo para a tradição sociocultural da festa. Por outro lado, especialmente a partir de meados da década de 2010, temáticas relacionadas ao combate à intolerância religiosa, pautas sociais e homenagens a personagens relacionados à cultura popular brasileira ganharam força. No Grupo Especial do Rio, entre 2020 e 2024, foram realizados 49 desfiles, sendo 34 os enredos que contaram com tais abordagens, totalizando aproximadamente 70% de todo o período.

Essa mudança nos focos dos enredos, em especial os enredos políticos, auxilia a transformação do pensamento crítico dos torcedores, bem como influencia o debate

desses assuntos, como afirma Macedo (2024), torcedora da Estação Primeira de Mangueira:

Você tem que explicar um enredo para uma favela, para uma comunidade que vai ali ensaiar, desfilar, vai vestir fantasia, vai cantar o samba, vai fazer parte daquilo ali... Essas coisas todas acabam ajudando a propagar a ideia que está sendo ali passada. Quando uma Escola vai falar de um tema, seja ele social, seja ele político, e os dois se interligam também, ela se posiciona e ensina, né? Que aquela comunidade que tá ali, o chão como a gente fala, tem que se posicionar. Claro que a vivência de cada um vai pro rumo que cada um bem entender, mas no geral, as Escolas de Samba dão um norte muito grande (Macedo, 2024).

Porém, se tais enredos não forem acompanhados de sambas com o potencial de estimular o imaginário, o interesse popular sobre o tema tende a não acontecer. A qualidade de um samba-enredo é fundamental para que ele se fixe na mente do público e gere reflexões mediante o tema proposto pela escola. Um samba-enredo bem elaborado tem o poder de emocionar, envolver e educar uma sociedade, transformando a experiência do desfile em uma vivência memorável com grande potencial de gerar repercussão. A excelência musical é essencial para que uma mensagem sociocultural transmitida pelo enredo alcance e impacte verdadeiramente a audiência, como Lucas de Almeida (2024) frisou ao explicitar que quando um samba não reverbera com o público, dificilmente os torcedores acreditam na vitória. Este apontamento é reforçado por Maria Macedo (2024) ao afirmar que “O samba é inesquecível, querendo ou não. E você fazendo um bom samba, não tem como você fugir disso. O desfile é importante, ele é julgado, dá o título, mas um bom samba-enredo mesmo, de verdade, ele se torna ícone”.

Um exemplo recente de união bem-sucedida entre samba e enredo é o desfile "*Tata Londirá: O canto do caboclo no quilombo de Caxias*", vice-campeão de 2020 com a Acadêmicos do Grande Rio. Na ocasião, a escola contou a história de Joãozinho da Gomeia, considerado o pai de santo mais conhecido da cidade de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. Oriundo da Bahia, João se torna o “Rei do Candomblé” após sua chegada no Estado do Rio de Janeiro, onde atendeu diplomatas, políticos como os presidentes Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, além de personalidades influentes da

época (Pinheiro, 2018). Através da melodia de seu samba, a escola invoca: “Bailam os seus pés/ E pelo ar o benjoim/ Giram presidentes, penitentes, yabás/ Curva-se a rainha e os ogans batuqueiros pedem paz/ Salve o candomblé, Eparrei Oyá/ Grande Rio é Tata Londirá/ Pelo amor de Deus, pelo amor que há na fé/ Eu respeito seu amém/ Você respeita o meu axé”.

Com a realização desse ato de bradar pelo convívio harmônico entre as mais variadas religiões existentes no território brasileiro, se desempenha um papel crucial no combate à intolerância religiosa. Tal crítica se mostra ainda mais pertinente em um cenário em que o então prefeito da cidade do Rio – o bispo Marcelo Crivella – convivia cercado de polêmicas no que diz respeito à relação entre sua identidade política e religiosa com seus posicionamentos negativos sobre a cultura popular, especialmente o carnaval carioca. Durante seu mandato, entre 2017 e 2020, ele conviveu com diversos escândalos que envolviam seu preconceito religioso⁹.

Outro exemplo vindo da mesma agremiação é o desfile "*Fala, Majeté! Sete chaves de Exu*", campeão de 2022 e multi premiado pelo Estandarte de Ouro¹⁰ do Jornal *O Globo*. A escola celebrou a figura de Exu, o Orixá da comunicação nas religiões de matriz africana e muitas vezes associado de forma equivocada ao diabo no imaginário cristão. Através de seu desfile, desempenhou um papel educativo no que diz respeito a desmistificação da imagem e da atribuição deste orixá no imaginário da população média brasileira que desconhece a profundidade das religiões de matriz africana, além de novamente bater na tecla do combate à intolerância religiosa. A relevância do tópico fica evidente considerando a forma que o então presidente do país, Jair Bolsonaro, comemorou a aprovação de sua indicação de um Ministro “terrivelmente evangélico” para o Supremo Tribunal Federal (STF)¹¹. O enredo de 2022 segue a linha de raciocínio da temática anterior e transmite um recado direto para a necessidade de discussão social sobre respeito e convivência harmônica entre os diversos credos existentes no Brasil.

Quando o desfile de uma agremiação agrada seu público, conseqüentemente sua reverberação se propaga através da comunidade promovendo o engajamento e o aprofundamento de temáticas salutaras na manutenção de uma sociedade inclusiva. O

⁹ Matéria de novembro de 2020, produzida pelo portal G1, em que mostra a ironia de Crivella um ato que intolerância religiosa

¹⁰ Prêmio extraoficial mais antigo e prestigiado do carnaval carioca, popularmente conhecido como “Óscar do carnaval”.

¹¹ Matéria do site CNN Brasil disponível nas referências.

carnaval de 2024 proporciona exemplos importantes, em especial o debate proposto pelo enredo “*Um defeito de Cor*” da Portela, sobre as consequências das mais variadas formas de racismo existentes no Brasil. Com o objetivo de explorar um dos romances mais aclamados da literatura brasileira – o livro homônimo da autora Ana Maria Gonçalves –, o desfile aborda as mazelas da escravidão ao mesmo tempo em que celebra a resiliência e a luta pela dignidade do povo afro-brasileiro.

Este ato potencializou o estímulo à educação do público através da promoção de um debate acerca da contribuição dos povos afro-brasileiros para a formação da identidade nacional. A Portela terminou o carnaval de 2024 na quinta posição, mas apesar da colocação, o sucesso da abordagem proposta pelos carnavalescos André Rodrigues e Antônio Gonzaga e pela enredista Beatriz Chaves acarretou no aumento de cerca de 70% das vendas deste livro, que se tornou o mais buscado na plataforma da Amazon, 24 horas após a realização do desfile.

Exemplos como esse, expressam o potencial construtivo e reflexivo que as Escolas de Samba, através de suas ações, podem gerar nos adeptos no que diz respeito aos respectivos estados afetivos. Como os afetos alinham grupos inspirando princípios e atitudes, quem traz o carnaval, os sambas-enredo e os desfiles como parte da própria identidade, cria identificação com outros torcedores e analisa o mundo e os acontecimentos junto das Escolas. Desta forma, as mesmas se tornam poderosos meios de reflexão e de reforço da cultura suburbana como ferramenta de fomento à transformação social e promoção de uma sociedade mais diversa e inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo visava entender e debater as construções do pensamento crítico e político dos moradores dos subúrbios cariocas partindo das lógicas e dinâmicas advindas dos enredos e desfiles das Escolas de Samba do Carnaval do Rio de Janeiro. Para tanto, foi realizada uma extensa revisão bibliográfica relativa às questões de afeto, identidade e cultura, além de entrevistas semiestruturadas com indivíduos inseridos no universo do samba/das agremiações. Desta forma, foi possível não só confirmar a proposta inicial de que os pavilhões inspiram aprendizados e ideais através dos enredos, como também compreender quanto o samba, enquanto música, desfile e modo de vida, precisa se posicionar e, assim, fazer com que a maioria dos torcedores aja.

Portanto, por meio das falas dos entrevistados, foi alavancada a percepção de como os desfiles influenciam as ideias que cercam as mobilizações e os posicionamentos políticos. Isto posto, pode-se defender como a força que os samba-enredos cantados inspiram, ajuda não somente o entendimento dos debates levantados pela Escola, mas também a eternizar a temática no imaginário popular. Finalmente, fica definido que as metodologias propostas proporcionaram a realização de um trabalho robusto, porém, ainda assim, é válido dar continuidade ao debate em novas reflexões envolvendo diferentes exemplos e ouvindo novas vozes.

REFERÊNCIAS

- AHMED, Sara. **Affective Economies**. Social Text, v. 22, n. 2, p. 117-139, Summer, 2004.
- ALMEIDA, Lucas dos Santos. **Entrevista com Lucas Almeida**. Entrevista concedida aos autores. Rio de Janeiro, 12 jul. 2024.
- BARREIRA, Gabriel. **Após Crivella ironizar 'chapeuzinho de Zé Pelintra', acessório é adotado por eleitores e aliados de Paes**. G1, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/11/30/apos-crivella-ironizar-chapeuzinho-d-e-ze-pelintra-acessorio-e-adotado-por-eleitores-e-aliados-de-paes.ghtml>> Acesso em 02 out. 2024
- CABRAL, Sérgio. **As escolas de samba do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. Lumiar, 1996.
- DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- FERNANDES, Nelson da Nóbrega. **O rapto ideológico da categoria subúrbio**: Rio de Janeiro 1858-1945. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.
- FERREIRA, Claudino. **O envolvimento cultural comunitário**. Centro de Estudos Sociais, 2021.
- FERREIRA, Luiz Felipe. **Rio de Janeiro, 1850 - 1930: a cidade e seu carnaval**. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 9-10, p. 7 - 34, Jan/Dez, 2000.
- FURONI, Evandro. **Bolsonaro cita “terrivelmente evangélico” e parabeniza Mendonça no STF**. CNN Brasil, 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-cita-terrivelmente-evangelico-e-parabeniza-mendonca-no-stf/>> Acesso em 25 jun. 2024.
- GONÇALVES, Rafael Soares. **Favelas do Rio de Janeiro: história e direito**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, Pallas, 2013.
- GUARAL, Guilherme. **O Estado Novo da Portela**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** / Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro- 11. ed. DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.

NETO, Lira. **Uma história do samba - as origens**. São Paulo: Ed. Companhia Das Letras, 2017.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. Rio de Janeiro: E.d Mauad, 2003

PINHEIRO, Ana Carolina. **Joãozinho da Gomeia, o rei do Candomblé**. Carta Capital, 2018. Disponível em:
<<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/joaozinho-da-gomeia-o-rei-do-candomble/>>
Acesso em 4 out. 2024.

REGIS, Fátima. **Unveiling Radical Mediation: Navigating Body-Mind, Affect, and Technology in Media Literacy**. Global Journal of Human-Social Science, 23(G9), 37–46. 2023.